

Gravada e
transmitida por
Moira Elise Ladeira

11.1
centro de Trabalho
INDIGENISTA

TRANSCRIÇÃO DA FITA GRAVADA EM 12/09/83 PELO

CAPITÃO DOS JOVENS DO P.I.GOVERNADOR (MA)

O ÍNDIO JOSÉ MARTINS GAVIÃO



CT101812

Meu nome em português é Zé Martins, eu sou capitão dos jovens do P.I. Governador, vim vender o meu artesanato aqui em São Paulo e não somente vender, eu vim saber como é que fica a situação do Proj. Carajás com nós em relação ao índio. Bem é o seguinte: de maio para cá o chefe de posto apresentou um Trabalho que devia ser feito dentro da área, aí nós procuramos o que que devia ser feito, primeiro ele falou que era 48 casas, aí a gente falou 45 casas, depois ele resolveu que ia aumentar para 48. Tudo bem. Até lá ninguém sabia quem tava dando o dinheiro para fazer esse serviço. Nós aceitamos. Casa dada, nós aceitamos, né? Se a FUNAI vai dar casa pra nós, nós aceitamos, se é dado, tudo bem. Aí ele ficou, e o que mais? Mostrou uma criação de gado, uma fazenda. Aí nós ficamos alegres. A FUNAI vai dar nós vamos ficar alegres. Bem ficamos lá ouvindo. E o que mais? Uma criação de peixe, um açude. Nós vamos fazer um açude e comprar as mudas de peixe. Que o nome do peixe é Tilépia. Assim ele disse o nome do peixe..... Tudo bem. O índio concordou. O índio concordou pelo seguinte, porque a gente nunca tinha ganho isso, de uma vez a FUNAI vai dar assim nós ficamos alegres. Tudo bem. Ela fez a papelada dela, procurou os índios a onde que devia ser feito a aldeia, uns disse que devia ser feito ali, e outros feito aqui. Até agora não decidiram aonde devia ser feito a aldeia. Não decidiram pelo seguinte. Muitos decidiram e muitos não concordaram pelo seguinte. Porque acham que a FUNAI está mentindo. Isso não deve sair, porque quanto tempo a FUNAI vem prometendo e não faz né? Bem, os que não concordaram ficaram calado, eu fui dos capitão dos jovens que não disse nada, fiquei calado. Bem se vai sair e se sair nós estamos, nós recebemos, né? Tudo bem. Depois ele devia procurar um lugar para o açude e para a fazenda, plantar capim. Aí nós tínhamos um projeto velho, que esse projeto foi plantado umas duas vezes, aí disse bem nós podemos roçar esse pedaço aqui e plantar semente, capim plantado já que nós vamos receber esse gado. Ele mandou, emprestou as roças, tirou uns pedaço, linha por linha, um emprestou 2 linha, outro 3 linha, outro 4 linha, outro 5 linha. Outro 16 linha e ele foi caçando isso. Na volta ele cortou. Ah! eu não vou roçar mais isto aqui porque nós resolvemos e nós temos pasto já grande e já pasto bem feito aí, que com a demarcação de terra, a demarcação passou e muito os civilizados tem grande pasto, vamos aproveitar os pasto. Aí nós disse, tudo bem, agora nós vamos concordar porque, tem os pasto já pronto é só roçar os tufos, puxar o arame e assim nós gastamos menos dinheiro, e esse outro dinheiro, dinheiro que sobrar que você vai fazer alguma coisa pra nós, pode ser aplicado em outra coisa. Aí ele emprestou a orça para sem picar os tufos e tal e derepente parou. Bem todo esse serviço aí não temos dinheiro. E o dinheiro tá entrado. E o serviço não é feito. Aí vai tomando prejuizo. Ficou e depois o outro capitão foi para São Luiz. Aceitou o negócio lá da roça, do projeto e tal e pediu a roça para comunidade que tinha projeto mesmo, aí lá

surgiu esse tal de Projeto Caraja. Ai concordaram. Delegado concordou. Delegado e o Capitão Velho. Ai ele chegou, quando ele chegou, E eu fui né (delegacia) lá e fiz a minha proposta que eu estava precisando de Quinhentos mil cruzeiros pra compra de artesanato. E que isso era muito bom. Já fiz reunião, os índios concordaram, porque lá naquela aldeia é uma área muito pobre, e que não colhia dinheiro, então isso era bom porque tem aqueles índios velho que sabe fazer um cesto, um bacará, uma flecha e que não pode trabalhar no serviço pesado e então facilitava, ele fazia o artesanato dele na casa e eu comprava, depois ele comprava o kilo de carne dele. Eu cheguei lá falei a proposta para o delegado, ele achou que era muito. Que não tinha dinheiro. Não tinha dinheiro pra isso,. Minha proposta era boa, mas que não tinha dinheiro pra isso. Bem, que eu posso fazer? O que que eu de dizer para ele? Porque eu não tinha certeza e ninguém contou a verdade pra nós, que tinha o Projeto Carajas e que nos tinha esse dinheiro. O Projeto Carajás nos deu. Que ele falou isso, e eu falei outras coisa. Ele não ficou muito gostando. Tudo bem. Ele propos Duzentos mil cruzeiros. Bem eu aceito porque a gente tá precisando mesmo. Aceitei, depois agora vamos falar da roça com a comunidade, como é que fica não. Que fica porque já ceitamos, outro capitão nós temos a roça. Ele pediu a roça pra comunidade. E nós vamos dar. Eu digo certo, mas só que a comunidade, muitos não vão aceitar. Muitos nós aceitam assim. Fazendo empréstimo cada um e botar suas roças, porque lá o índio já trabalhou em grupo e o ano que eles passaram mais fome, foi o ano que eles trabalharam no Projeto, no ano que eles trabalharam no Projeto x Eles cimeçaram no Projeto quase sem apoio da FUNAI só com a coragem. 20 jovens fizeram o projeto, roçaram com fome que não tinha condição mesmo. Derrubaram, queimaram, encoivaram, plantaram e colheram e fizeram uma casa bem grande e botaram o arroz. Não queimou todo o arroz, no que os índios apanhava o arroz e ia armazenar o arroz, ai eles foram a Brasília e pediram o caminhão e pá e deram o caminhão e um trator. Ai o rapaz tinha que ir para São Luiz. O rapaz que dirigia os jovens no trabalho tinha que ir para São Luiz. No que ele foi para São Luiz para tirar carteira de motorista, Faltou até.... Foi o tempo que o índio disse que passou mais fome. O índio vivia magro. Voce olhava assim e o índio está doente não é doente, é fome. Que o índio trabalhou. Ficou alegre né. Trabalhou no Projeto sabe que o projeto devia ser, é deles, eles tinha que trabalhar e trabalharam mesmo e produziram mas só que na hora da participação da produção, pra eles comer, não tiveram esse direito.

x Projetos de roça feitos pela Funai com a mão de obra indígena.

Ai então ai o índio foi começando a ficar descabriado. Bem. Nos vamos trabalhar mais esse ano no Projeto, e se chegar a surgir projeto só se pagar pra gente trabalhar, porque não adiantava trabalhar no projeto. Não tem o direito de pegar um arroz calado. Não tem direito de nada. E no tempo a gente colhe, armazena e vende pra lá e nós que trabalhamos, produzimos não come. Então é melhor que eles nos paga, nos ganhamos nosso dinheiro por dia, ai eles vendem como quiser e nós não temos que reclamar. Porque nós não somos donos, nos somos peão não é? Nos não somos donos, estamos trabalhando, estamos trabalhando pro nosso patrão, pro nosso patrão. Ai por isso é que o índio não trabalha mais em grupo, não trabalha mesmo. Trabalha assim como no caso de abrir a fazenda na seguinte forma: se abrir a fazenda, se quiserem abrir a fazenda em conjunto, pra todo mundo trabalhar, o índio vai se pagar, agora se disser se o o dinheiro vai no banco, vamos abrir uma conta no nome do índio. O índio tira o dinheiro quando ele quiser, ai ele vai trabalhar sem voce pagar, porque ai ele sabe que o dinheiro é dele, porque tá no banco e ele sabe que é dele. Agora só na mão da FUNAI o índio não vai, não vai. E nós já estamos escabriado e nós não confiamos mais em ninguém daquela área. E nós estamos precisando de 1 pessoa que nós mostre a verdade, nós queremos saber. Nós queremos saber, porque nós não queremos coisa escondido. Nós queremos 1 pessoa, por exemplo uma antropóloga, nós queremos que ele chegue e diga, olha P.I. Governador tem tantos mil para fazer esse serviço, tá aqui a documentação, tá aqui a quantidade de dinheiro, vamos fazer esse serviço. E vamos fazer o serviço e vamos saber quanto nós vamos gastar para fazer esse serviço, quanto nós vamos gastar. E termina aquela etapa e nós fazemos outra etapa. Nós sabemos quanto vai gastar. Mas do jeito que tá ocorrendo, não dá. Pra mim não dá, não dá e nem pra outros não vai dar, não dá mesmo. Porque nos não sabemos quantos mil nos ganhamos do Projeto Carajás, nós não temos certeza e esse dinheiro fica rodando pelas mãos dos funcionários da FUNAI e tal e ... e ninguém diz quanto é. Ai no caso se dinheiro for dado para nós, então será que não... era o caso de dizer voces tem tanto, tem tanto. Não voces fazem esse serviço e nós já gastamos isso e vamos gastar mais pra fazer esse serviço e fazendo o serviço. Mas não pra prometer como as casas, fazenda, açude, plantação de juta e nada feito. Só diz que tem dinheiro. E não perde pra roça que fizeram, não recebeu. Uns que fazia 10 linha de roça recebeu dez mil, outro quinze mil, outro vinte mil. Como no caso eu tinha 30 linha de roça, recebi vinte mil. Que vinte mil hoje em dia você não trata 2 linha de roça, pra quem tinha 30. Ai nós perguntamos e o diabo desse dinheiro. Cadê o dinheiro. Cadê o dinheiro do Projeto Carajás que diz que tem prá mandar. Cadê esse dinheiro, que ninguém vai tocar esse serviço sem dinheiro. Dizem não, o chefe do posto disse não chegou ainda, porque nós es-

tamos esperando de Brasília, não chegou nada, aí tem o negócio de telefonar de vez em quanto, vou telefonar pro delegado para saber se já chegou. E só diz que está procurando esse dinheiro. Mas nunca chega. Depois eu vim para São Luiz e disse eu só volto se tiver dinheiro, se não tiver dinheiro não volto. Aí nós ficamos esperando. E as roças já brocadas, e nós esperando dinheiro pra derrubar e nada de derrubar. Quando ele chegou e sabe não chegou dinheiro ainda, mas arranjou um pouco e eu vou dar um pouquinho pra vocês e depois, é eu que vou buscar o dinheiro mesmo de voce. Aí me deu cinquenta, deu cinquenta pra outro, deu sessenta pra outro, deu vinte pra outro e foi uma enrascada danada. Agora nós ficamos até não sabendo se esse dinheiro é dado ou se é emprestado. E é (conta) que a gente tá precisando de uma pessoa pra nós mostrar mesmo a verdade. Porque nós não estamos confiando em mais ninguém de São Luiz. Pelo menos eu não confio. Eu como capitão dos Jovens eu não confio. A não ser num antropólogo. Eu digo porque eu conheço, eu já trabalhei fora da minha aldeia, eu já vi como se faz com índio, eu conheço. E prá acompanhar eu acho que deve ter um antropólogo mesmo. Ou ter antropólogo ou não vai sair nada. E o dinheiro acaba e o serviço não é feito. Sem o antropólogo o serviço não é feito. Então na minha chegada nós vamos fazer uma reunião, vamos fazer uma reunião e vamos ver o que é que foi feito, se já foi feito isso e se ainda não foi terminado vamos terminar. Agora vamos saber do resto do dinheiro. Porque se sobrar eu acho que nós vamos botar no banco, prá nós mesmo mexer, porque nós mesmo mexendo, nós mesmo gastando. Ah! que o índio não sabe mexer com dinheiro. O índio sabe mexer com dinheiro, e se não sabe aprende. Ninguém nasceu ninguém nasceu sabendo. E se ninguém não souber chama os amigos que sabe. Tem muito amigo de confiança. Eu mesmo conheço gente, eu tenho muito amigo, gente honesta, gente que trabalha com índio, não é por causa de precisão.

O índio merece ser ajudado. Então conheço gente que não engana. Muita gente diz, a FUNAI mesmo diz, não porque o índio não sabe mexer com dinheiro, be, muito pessoal da FUNAI trabalha honesto, mas muitos diz que o índio não sabe, o índio não sabe (desviar) o dinheiro como muitas pessoas diz mesmo. Porque o que é jeito pra nós, o que é mandado para nós. Nós fazemos reunião, e nós gastamos e nós compramos, nos tiramos ele prá comprar alguma necessidade que nós temos, mas quando você for tirar esse dinheiro, nós queremos assim, nós queremos o dinheiro no nosso nome, no banco. O que foi feito esse ano faz, e o que não foi feito, vamos ter garantido e colocar no banco e vamos procurar uma pessoa pra

ensinar se nós não soubermos, essa pessoa vai ensinar nós, a mexer com esse dinheiro. Uma pessoa de confiança, como nós conhecemos mesmo. Antropólogo de FUNAI cedo se abate, eu não conheço uma, assim que eu confio, mas eu conheço alguém, uma pessoa que eu confio, que já trabalhou com índio e seu serviço é bem feito, e eu conheço um bocado. Mas tem gente ai que se der de FUNAI ele vai, chega lá não diz quanto a gente tem, diz que deve ser feito isso e aquilo, isso e aquilo, as vezes a gente não quer, por exemplo, no caso, no caso das casas, né, no caso das casas. Eu pra mim acho mais que dado o dinheiro pra fazer as casas, com tábuas nossa. O problema que é o dinheiro arranjado pela FUNAI dá, e no caso não, porque não diz vocês tem esse dinheiro, a Vale do Rio Doce deu pra vocês, então vamos abrir uma conta ai no nome de vocês, ai depois vocês pensam no que vocês querem. Porque ai o faz uma coisa que o índio não está preparado para receber, não é? Por exemplo, você vai fazer um (guarda roupa) pro índio, o índio nunca viu um (guarda roupa) nunca morou. Precisa ver a necessidade do índio, no caso assim, a necessidade do índio assim, dizer ganhou fazenda vai lá que tudo bem. Mas dizer que dá a fazenda e fica mexendo pra aqui e pra acolá e comprando gado de raça e ai nós sempre sem dinheiro, as vezes nem termina o serviço e o dinheiro acaba. E o índio fica na miséria.

E quando vai, se for assim vai continuar. Eu tive pensando comigo mesmo. Bem, se tem um dinheiro pra fazer 48 casas, assim como o chefe do posto falou, que ia dar as 48 casas, e levou as papeladas lá para o pátio, na reunião mostrou as papeladas, agora eu não li, ele mostrou mas eu não li. Ele era para chegar no pátio assim, olha nós temos tanto para isso, e temos tanto para isso, ele chegou e disse, olha povo, nós temos isso e aquilo e tal e vai ser feito isso, é bom pra vocês e tal. Só isso e eu não estou sabendo, e nós queremos saber, eu quero saber. Eu quero saber como é que ocorre isso, se nós temos esse dinheiro e como é que nós estamos sofrendo? Eu acho duro. É duro, o índio no Maranhão, o índio no P.I. Governador com o Projeto Carajás como tão chamando, e Funai diz que tá trabalhando lá pro Projeto Carajás, pra ajudar, mas o índio tá passando necessidade e com o dinheiro, quem é que está com esse dinheiro? Aonde que está este dinheiro? E se já foi liberado algum pra Funai, e aonde eles estão aplicando? Não estão aplicando, compraram umas caixinhas

d'água, fizeram um , estão construindo uma garagem, até ai eu sei que é o dinheiro, até ai eu sei que é o dinheiro, mas agora pra dizer que vai gastar todo esse dinheiro na casa, não gasta tantos milhões, não? As casas lá, sai barata. A casa lá sai barata, porque os materiais são comprados ali perto, ali perto. Então ficou agora assim, eles gastam e compram isso e aquilo e não sei o que mais, mas o índio está na necessidade, o certo mesmo é ter alguém lá na aldeia com nós. Eu acho certo isso, e a minha vinda a São Paulo foi pra ver mais isto, pra saber como é que está ocorrendo com o Projeto Carajás, de onde surgiu o Projeto Carajás, da onde veio a verba pra nós, eu acho que não é nada demais a gente saber, o que a gente tem, o que a gente ganhou, eu acho que isto é bom, eu saber a gente saber, a comunidade que nós ganhamos tanto e tanto no Projeto Carajás, pra fazer um serviço pra nós, que nossa área é pobre e que nós mereemos esse dinheiro. Ai tem que dizer quanto nós ganhamos, nós queremos usar o dinheiro, mas não assim, os outros usam e nós não estamos sabendo. De repente o cara gasta tudo e vai embora e o que pode fazer com esse homem, se ele já gastou tudo? Então é bom a gente saber é bom a gente saber, quanto a gente tem e quanto ele vai tirar pra gastar, no outro caso nós mesmo podemos gastar. Mas assim, para ele tirar do jeito que ele quer e receber do jeito que ele quer, então o dinheiro não é nosso. Então nós não somos o dono, então é ele, porque, ele compra, ele gasta e tira e faz do jeito que ele quer e chega na aldeia e diz que não tem dinheiro. O Projeto Carajás diz que foi em 82. E só agora nesse ano que o Projeto Carajás está soltando dinheiro, para dizer que eu nunca vi dinheiro do Projeto Carajás na nossa aldeia, prá te dizer do Projeto Carajás eu já vi, cinquenta mil cruzeiros na minha mão, e quando eu fui lá pedir mais depois ele deu cinquenta, depois de eu chorar muito pra ele. Ele diz que não tem dinheiro, não tem dinheiro, e eu chorando, não tem dinheiro nenhum (fêz as caixas d'água, essas cosinhas ai) as caixas d'água eu não estou lembrado bem, ai é que é o problema, que a gente está em dúvida, ele não explica, ele não tem.

Nós queremos uma pessoa que explica, primeiro nós queremos uma pessoa que explica, diz olha, nós fazemos isso, por exemplo, nós queremos uma pessoa que diz assim: Zé, lá na nossa aldeia, vamos fazer esta parede aqui. Essa parede vai gastar tanto, ai está o dinheiro. Eu vou tirar e vamos gastar. Ai nós queremos assim, mas não na mão dele, para ele fazer o que eles querem, enós passando necessidade lá. Índio está passando necessidade no P.I. Governador, menino, não é só não, não tem dinheiro mesmo. Imagine prometeram um dinheiro para empréstimo. O que é essa conta de empréstimo. Diz que foi o Projeto Carajás que vai

emprestar o dinheiro pra nós, prá botar roça. Tem condição? Se o Projeto Carajás deu o dinheiro pra nós, ainda vai emprestar, a Funai vai emprestar o dinheiro para nós. Não tem condição isso. Se o Projeto Carajás DEU o dinheiro para FUNAI nos entregar, a FUNAI pega o dinheiro e empresta. Não tem condição. Então da Funai nos empresta, quer dizer que o índio não pode fazer empréstimo no Banco do Brasil, então pode fazer empréstimo na FUNAI. Então a FUNAI é que é o Banco do Índio. Eu ainda não vi isso não, aí o que está acontecendo na minha aldeia, está acontecendo, e se não aparecer um antropólogo lá, pra nos mostrar a verdade, olha, pelo que eu estou vendo, quando terminar o Projeto Carajás, nós vamos sofrer e é muito, Vamos sofrer muito.

Gastar o dinheiro mesmo e resolver mesmo () meu nome é José Martins, eu moro na aldeia pra quem quiser ir lá conversar comigo, as portas estão abertas, prá saber porque eu só falo a verdade (), pra qualquer que tiver lá eu falo a verdade () porque é assim mesmo. Ninguém sabe melhor do que eu, que eu sou índio e vivo lá e sou capitão e sei das necessidades. Ninguém sabe, nem o Sr. Delebadado sabe, se o geledado está no gabinete dele, tomando seu cafezinho frio, agora o índio está lá no mato, passando necessidade, mas agora não tá com o dinheiro do Projeto Carajás que foi dado pra ajudar nós, e nos sofrendo. Então eu vim para São Paulo para saber mesmo, eu quero saber porque eu chego lá na aldeia, vou fazer reunião, vou mostrar pros tiutiu, como é que é o Projeto Carajás, como é que nos saímos em relação o Projeto Carajás e com a FUNAI. É isso que eu quero saber. Se o dinheiro é para FUNAI ficar, ou se é para nós. Eu não sei, porque dizem que é para nós, mas até agora é só a Funai que está com o dinheiro. E só que está mesmo. Não tem índio com dinheiro não, quem tá com dinheiro é a FUNAI. Então o dinheiro não é nosso, é da FUNAI. E nós passando necessidade, então porque não dá esse dinheiro para nós. Se o chefe de posto não sabe mexer com o dinheiro, não sabe administrar o dinheiro, então porque não manda um antropólogo fazer esse serviço lá para nós. Nós merecemos fazer esse serviço para nós. Nós merecemos porque nós, índio Gavião, somos índios que damos pouca despesa para FUNAI. Nos merecemos ser ajudado. Merecemos mesmo. Então eu vim para São Paulo só por causa disso e eu queria saber, espero que alguém amigo vai enviar, eu estou lá no Governador quem quiser ir, vai, pra ver de perto, porque vendo de perto, vai ver como o índio sofre mesmo. Hãhre.

- 11 -

— Bem, o negócio é o seguinte: eu como Capitão daquela aldeia concordo assim, se a FUNAI autorizar o Antropólogo a fazer o serviço para nós. Nós estamos precisando do Antropólogo. Agora se eles estão interessados deles mesmos mexer com o dinheiro, deles mesmo gastar, deles mesmo fazerem o que quiserem, nós não queremos saber. Nós queremos saber se a Vale do Rio Doce manda o dinheiro, enviar pro índio direto. Nós não queremos saber se a FUNAI dirige ou se quer dar ou se não quer, nós queremos saber que o dinheiro da Vale do Rio Doce nos deu e é nosso. Então mande o dinheiro para nós, mande o Antropólogo para administrar lá dentro junto com o chefe do posto. Porque o Chefe do Posto está lá para trabalhar. Na verdade vai ajudar o antropólogo a fazer este serviço porque realmente ele ganha do governo para fazer esse serviço. É, o índio não quer saber se a FUNAI vai gostar ou não vai gostar, bem, nós queremos o dinheiro porque nós estamos com necessidade. É o que eu tô querendo é isso, se quiser fazer o serviço bem feito faça, se não quiser, pois que a Vale do Rio Doce vai lá na aldeia junto com o Antropólogo que vai ficar lá com nós, e nós queremos o dinheiro o que que adiante dizer que os índios Gavião do P.I. Governador ganharam tantos milhões para fazer isso e aquilo e não está sendo feito. Porque de 82 prá cá o que é que foi feito. Quer dizer que contador assina.

2 caixas d'água, 50 metros de cano. Quer dizer que aí foi o dinheiro todo. Vá lá que seja a cantina tudo bem, mas dizer que a garagem vai trazer benefício para o índio? Índio vai comer garagem? Garagem vai render pro índio? Garagem vai dar roupa pro índio? Garagem serve para botar os carros da FUNAI que índio não tem carro mesmo. Não tem. Índio não tem carro. Tem carro lá chapa branca, é do índio? Se fosse do índio tinha chapa amarela. Não é mesmo do índio. A FUNAI que deve se virar pra fazer sua garagem pra botar seu carro. Tá certo. O carro faz um serviço pra nós. Mas o índio não tem direito de fretar o carro, nós não temos direito de fazer nada com o carro. Quer dizer que tudo bem, carro é bom. Agora só que nós não temos direito de fretar. Uma coisa que eu acho, é duro (eu não sei anunciar) as cabeças das pessoas que pensam. Olha, o carro, nós estamos fazendo coleta de dinheiro pra botar óleo no carro, e com o Projeto Carajá e o dinheiro que nós temos. E que nós não sabemos se temos.

Agora que eles vão saber que eu vou dizer, olha nós temos tanto, e que nós podemos arranjar com o Projeto Carajás um dinheiro prá nós viajarmos, para tratar dos nossos negócios lá fora, nós temos dinheiro para comprar o nosso óleo, da bomba d'água. Agora eu sei que nós temos esse dinheiro. Mas do jeito que vinha correndo, sem saber de nada. AH. não tá certo não, mas não está certo mesmo. E é por isso que eu digo, se a FUNAI aceitar o antropólogo nós queremos o antropólogo, de qualquer maneira, nós queremos, nós queremos o antropólogo de qualquer maneira, prá ver o serviço. Porque se disser olha vem um cara e tal da FUNAI para fazer, para administrar. Mas o que que adianta? Ele vai e não mostra. Não mostra. Ele não mostra.

(Mas que ano que foi que vocês souberam que teve dinheiro do Carajás?)

— Ora, eu soube este ano.

(Só que depois chegou lá dizendo que a FUNAI ia dar)

— a FUNAI ia dar estas casas, mas o dinheiro quem ia dar pra fazer estas casas foi o Proj. Carajás.

(Ele contou isso)

— Pra fazer as casas agora se ele tivesse dito. Nós aceitamos porque a FUNAI vai dar as casas pra nós, sabe que eu tive pensando, no dia que ele disse: — Olha, vocês vão ganhar um presente da FUNAI, 48 casas, 45 casas. . . aí nós queríamos mais casa. Aí eu fiquei até pensando, mas a FUNAI arranjou onde este dinheiro pra fazer estas casas? Porque se fizer as casas aqui tem que fazer casa para todos os índios. Agora se ele tivesse explicado — vocês tem tanto que a Vale do Rio Doce deu em dinheiro pra vocês. Fazer isso - ah. nós não tínhamos pensado em casa não, menino, nós tínhamos pensando era nas nossas necessidades. O que que nós vamos fazer com este dinheiro e o que nós precisamos. Mas não elaborada, tudo já feito nas papeladas e só chegar lá e dizer oh. nós vamos dar as casas para vocês, vamos dar 1 fazenda, vai dar 1 açude. Aí, nóspicha a Funai tá dando tudo mesmo prá nós, agora a Funai enxergou.

(apareceu alguma coisa até agora).

— Não apareceu. Não apareceu. Engraçado porque não aparecem. Nós temos a Vale do Rio Doce enviou o dinheiro prá nós, prometeu que ia dar tanto pra nos ajudar, que é nosso e não da FUNAI. E porque a Funai prende, eu não sei se está prendendo ou não liberaram. E mesmo se liberaram eles vão só comprar material bonito pra eles. E nós ficamos do mesmo jeito porque nós estamos sofrendo.

(Mas do dinheiro dos Carajás, o que foi gasto?)

— O que foi gasto . Diz que ia fazer 1 cantina.

(E foi feito?)

— Foi feito uma cantina. E fez um banheiro também, pra mulher outro pra homem. Mas é só uma casa, só separado, um lugarzinho pra homens, um lugarzinho para mulheres. Depois, o que mais eles estão fazendo? Eu saí de lá começaram a fazer uma garagem grande. Mas o que precisa mesmo pro índio, que tal a criação de peixe. Disso aí nós concordamos, porque lá a região é pobre, caça está difícil, e o que índio precisa mesmo não está sendo feito. Não tá. E o que o índio não come é o que está sendo feito. O índio vai comer garagem? Caixa d'água? Não come. A caixa d'água vá lá que seja ainda quebra um galho, é bom. Mas imagina, invés de começar o que o índio realmente precisa. Começaram 1 garagem. E o que eu sei mais que vão fazer do Proj. Carajás este ano é um desmatamento, mas não tá sendo feito. Eles vão fazer na roça, não está sendo feito nada, não está sendo feito nada porque não tem um antropólogo lá junto com a gente. E nem vai ser feito. Eles vão enrolar, vão comer o dinheiro, mas não vai ser feito. Quem tá falando isso é eu que conheço, que vivo lá dentro, eu que sei que o sapato está me apertando no pé lá dentro. Não é um branco que está falando, quem está falando é um índio. É, e é um líder da comunidade. A Comunidade me prensa, a comunidade quer saber, a comunidade, os capitães querem saber quanto nós temos de dinheiro que o Projeto vai dar pra nós. E o que é gasto e o que é que vão fazer. E quanto já gastaram e nós não sabemos e não tem quem mostre para nós. E nem vão mostrar não. E eu estou lá no Governador prá quem quiser, quem ouvir esta fita e quem quiser ir lá no Governador prá ouvir de perto, lá junto, eu faço uma reunião e todo mundo só fala com uma boa só, porque nós estamos sofrendo. Não tem dinheiro de Carajá lá de jeito nenhum. Não tem quatrocentos mil para uma aldeia de duzentos e poucos índios. Duzentos e noventa e poucos.

(— e o que fizeram, foi o dinheiro do empréstimo esse)

— Diz que é emprestado. Dez mil emprestado pra um, quinze mil emprestado pra outro, vinte mil emprestado para outro. Depois arranjaram outro. Esse que deram primeiro foi emprestado. Diz que o Delegado tomou um dinheiro emprestado pra mandar pros índios que ainda não tinham nada de projeto Carajá em dinheiro por índio pra fazer as roças. No entanto as papelas já tinham sido tudo feito, porque todo índio assinou, todo índio ia botar tantas linhas de roça, fizeram isto com tempo e as roças tem que ser feitas com o tempo. A roça tem que ter tempo pra roçar, tem que ter tempo pra derrubar, tem que ter tempo pra capinar, tem que ter tempo pra queimar e plantar. Mas não tá saindo nada disso, não tem dinheiro pra fazer nada disso. Eu tô com uma roça lá. Tá queimada. Eu tô esperando dinheiro. Do jeito que falaram que vão emprestar o dinheiro, pois que empreste então. Eu quero é fazer meu serviço. Se não é dado, então empresta, como falaram que é emprestado. Eu até fiquei assim. Um dia nós tava pensando lá na reunião da aldeia. : — Bem minha gente — eu fiquei até confuso, diz que o Projeto Carajás deu um dinheiro prá nós e no entanto o chefe do posto fala que é emprestado. Aí fica rium de nós entender. Se o dinheiro é nosso ou se o dinheiro é da Funai, ou se nós temos que trabalhar pra dar renda pra FUNAI. Será? Porque o que eu conheço mesmo a FUNAI deve ajudar e bão desajudar. O que eu conheço mesmo é assim. Nós precisa. Nós estamos lá no mato. Nós precisa de alguém que nos ajude. Mas assim uma verba é dado pra nós receber e ainda nós vamos pagar. Então o dinheiro não foi dado pra nós. O dinheiro foi dado pra FUNAI, não foi dado para o índio. Então já que nós temos esse dinheiro, nós precisamos de um antropólogo lá. Nós precisamos mesmo, porque não está dando nada certo, não tá saindo nada mesmo. Eu sai de lá de lá não tá fazendo 15 dias, até que eu sai junto com a fome, não tinha nada, e a choradeira lá do homem é que do Projeto Carajá não tinha dinheiro. E as roças tem que ser feita. E tá lá. Então eu vim aqui em S. Paulo pra saber disso. E agora eu vou voltar pra minha aldeia e ver como é que esta os lá, porque não tá dando não, não tem dinheiro mesmo. E nós estamos precisando de dinheiro. O índio tá com a necessidade e precisa ir alguém lá pra olhar de perto. Hamré.

...ooo00ooo...

TRANSCRIÇÃO DA FITA GRAVADA EM 12/09/83 PELO

CAPITÃO DOS JOVENS DO P.I.GOVERNADOR (MA)

O ÍNDIO JOSÉ MARTINS GAVIÃO

Meu nome em português é Zé Martins, eu sou capitão dos jovens do P.I. Governador, vim vender o meu artesanato aqui em São Paulo e não somente vender, eu vim saber como é que fica a situação do Proj. Carajás com nós em relação ao índio. Bem é o seguinte: de maio para cá o chefe de posto apresentou um Trabalho que devia ser feito dentro da área, aí nós procuramos o que que devia ser feito, primeiro ele falou que era 48 casas, aí a gente falou 45 casas, depois ele resolveu que ia aumentar para 48. Tudo bem. Até lá ninguém sabia quem tava dando o dinheiro para fazer esse serviço. Nós aceitamos. Casa dada, nós aceitamos, né? Se a FUNAI vai dar casa pra nós, nós aceitamos, se é dado, tudo bem. Aí ele ficou, e o que mais? Mostrou uma criação de gado, uma fazenda. Aí nós ficamos alegres. A FUNAI vai dar nós vamos ficar alegres. Bem ficamos lá ouvindo. E o que mais? Uma criação de peixe, um açude. Nós vamos fazer um açude e comprar as mudas de peixe. Que o nome do peixe é Tilépia. Assim ele disse o nome do peixe..... Tudo bem. O índio concordou. O índio concordou pelo seguinte, porque a gente nunca tinha ganho isso, de uma vez a FUNAI vai dar assim nós ficamos alegres. Tudo bem. Ela fez a papelada dela, procurou os índios a onde que devia ser feito a aldeia, uns disse que devia ser feito ali, e outros feito aqui. Até agora não decidiram aonde devia ser feito a aldeia. Não decidiram pelo seguinte. Muitos decidiram e muitos não concordaram pelo seguinte. Porque acham que a FUNAI está mentindo. Isso não deve sair, porque quanto tempo a FUNAI vem prometendo e não faz né? Bem, os que não concordaram ficaram calado, eu fui dos capitão dos jovens que não disse nada, fiquei calado. Bem se vai sair e se sair nós estamos, nós recebemos, né? Tudo bem. Depois ele devia procurar um lugar para o açude e para a fazenda, plantar capim. Aí nós tínhamos um projeto velho, que esse projeto foi plantado umas duas vezes, aí disse bem nós podemos roçar esse pedaço aqui e plantar semente, capim plantado já que nós vamos receber esse gado. Ele mandou, emprestou as roças, tirou uns pedaço, linha por linha, um emprestou 2 linha, outro 3 linha, outro 4 linha, outro 5 linha. Outro 16 linha e ele foi caçando isso. Na volta ele cortou. Ah! eu não vou roçar mais isto aqui porque nós resolvemos e nós temos pasto já grande e já pasto bem feito aí, que com a demarcação de terra, a demarcação passou e muito os civilizados tem grande pasto, vamos aproveitar os pasto. Aí nós disse, tudo bem, agora nós vamos concordar porque, tem os pasto já pronto é só roçar os tufos, puxar o arame e assim nós gastamos menos dinheiro, e esse outro dinheiro, dinheiro que sobrar que você vai fazer alguma coisa pra nós, pode ser aplicado em outra coisa. Aí ele emprestou a orça para sem picar os tufos e tal e de repente parou. Bem todo esse serviço aí não temos dinheiro. E o dinheiro tá entrado. E o serviço não é feito. Aí vai tomando prejuízo. Ficou e depois o outro capitão foi para São Luiz. Aceitou o negócio lá da roça, do projeto e tal e pediu a roça para comunidade que tinha projeto mesmo, aí lá

surgiu esse tal de Projeto Caraja. Ai concordaram. Delegado concordou. Delegado e o Capitão Velho. Ai ele chegou, quando ele chegou, E eu fui né (delegacia) lá e fiz a minha proposta que eu estava precisando de Quinhentos mil cruzeiros pra compra de artesanato." E que isso era muito bom. Já fiz reunião, os índios concordaram, porque lá naquela aldeia é uma área muito pobre, e que não colhia dinheiro, então isso era bom porque tem aqueles índios velho que sabe fazer um cesto, um bacará, uma flecha e que não pode trabalhar no serviço pesado e então facilitava, ele fazia o artesanato dele na casa e eu comprava, depois ele comprava o kilo de carne dele. Eu cheguei lá falei a proposta para o delegado, ele achou que era muito. Que não tinha dinheiro. Não tinha dinheiro pra isso,. Minha proposta era boa, mas que não tinha dinheiro pra isso. Bem, que eu posso fazer? O que que ei de dizer para ele? Porque eu não tinha certeza e ninguém contou a verdade pra nós, que tinha o Projeto Carajas e que nos tinha esse dinheiro. O Projeto Carajás nos deu. Que ele falou isso, e eu falei outras coisa. Ele não ficou muito gostando. Tudo bem. Ele propos Duzentos mil cruzeiros. Bem eu aceito porque a gente tá precisando mesmo. Aceitei, depois agora vamos falar da roça com a comunidade, como é que fica não. Que fica porque já ceitamos, outro capitão nós temos a roça. Ele pediu a roça pra comunidade. E nós vamos dar. Eu digo certo, mas só que a comunidade, muitos não vão aceitar. Muitos nós aceitam assim. Fazendo empréstimo cada um e botar suas roças, porque lá o índio já trabalhou em grupo e o ano que eles passaram mais fome, foi o ano que eles trabalharam no Projeto, no ano que eles trabalharam no Projeto x Eles cimeçaram no Projeto quase sem apoio da FUNAI só com a coragem. 20 jovens fizeram o projeto, roçaram com fome que não tinha condição mesmo. Derrubaram, queimaram, encoivararam, plantaram e colheram e fizeram uma casa bem grande e botaram o arroz. Não queimou todo o arroz, no que os índios apanhava o arroz e ia armazenar o arroz, ai eles foram a Brasília e pediram o caminhão e pá e deram o caminhão e um trator. Ai o rapaz tinha que ir para São Luiz. O rapaz que dirigia os jovens no trabalho tinha que ir para São Luiz. No que ele foi para São Luiz para tirar carteira de motorista, Faltou até.... Foi o tempo que o índio disse que passou mais fome. O índio vivia magro. Voce olhava assim e o índio está doente não é doente, é fome. Que o índio trabalhou. Ficou alegre né. Trabalhou no Projeto sabe que o projeto devia ser, é deles, eles tinha que trabalhar e trabalharam mesmo e produziram mas só que na hora da participação da produção, pra eles comer, não tiveram esse direito.

x Projetos de roça feitos pela Funai com a mão de obra indígena.

Ai então ai o índio foi começando a ficar descabriado. Bem. Nos vamos trabalhar mais esse ano no Projeto, e se chegar a surgir projeto só se pagar pra gente trabalhar, porque não adiantava trabalhar no projeto. Não tem o direito de pegar um arroz calado. Não tem direito de nada. E no tempo a gente colhe, armazena e vende pra lá e nós que trabalhamos, produzimos não come. Então é melhor que eles nos paga, nos ganhamos nosso dinheiro por dia, ai eles vendem como quiser e nós não temos que reclamar. Porque nós não somos donos, nos somos peão não é? Nos não somos donos, estamos trabalhando, estamos trabalhando pro nosso patrão, pro nosso patrão. Ai por isso é que o índio não trabalha mais em grupo, não trabalha mesmo. Trabalha assim como no caso de abrir a fazenda na seguinte forma: se abrir a fazenda, se quiserem abrir a fazenda em conjunto, pra todo mundo trabalhar, o índio vai se pagar, agora se disser se o o dinheiro vai no banco, vamos abrir uma conta no nome do índio. O índio tira o dinheiro quando ele quiser, ai ele vai trabalhar sem voce pagar, porque ai ele sabe que o dinheiro é dele, porque tá no banco e ele sabe que é dele. Agora só na mão da FUNAI o índio não vai, não vai. E nós já estamos escabriado e nós não confiamos mais em ninguém daquela área. E nós estamos precisando de 1 pessoa que nós mostre a verdade, nós queremos saber. Nós queremos saber, porque nós não queremos coisa escondido. Nós queremos 1 pessoa, por exemplo uma antropóloga, nós queremos que ele chegue e diga, olha P.I. Governador tem tantos mil para fazer esse serviço, tá aqui a documentação, tá aqui a quantidade de dinheiro, vamos fazer esse serviço. E vamos fazer o serviço e vamos saber quanto nós vamos gastar para fazer esse serviço, quanto nós vamos gastar. E termina aquele etapa e nós fazemos outra etapa. Nós sabemos quanto vai gastar. Mas do jeito que tá ocorrendo, não dá. Pra mim não dá, não dá e nem pra outros não vai dar, não dá mesmo. Porque nos não sabemos quantos mil nos ganhamos do Projeto Carajás, nós não temos certeza e esse dinheiro fica rodando pelas mãos dos funcionários da FUNAI e tal e ... e ninguém diz quanto é. Ai no caso se dinheiro for dado para nós, então será que não... era o caso de dizer voces tem tanto, tem tanto. Não voces fazem esse serviço e nós já gastamos isso e vamos gastar mais pra fazer esse serviço e fazendo o serviço. Mas não pra prometer como as casas, fazenda, açude, plantação de juta e nada feito. Só diz que tem dinheiro. E não perde pra roça que fizeram, não recebeu. Uns que fazia 10 linha de roça recebeu dez mil, outro quinze mil, outro vinte mil. Como no caso eu tinha 30 linha de roça, recebi vinte mil. Que vinte mil hoje em dia você não trata 2 linha de roça, pra quem tinha 30. Ai nós perguntamos e o diabo desse dinheiro. Cadê o dinheiro. Cadê o dinheiro do Projeto Carajás que diz que tem prá mandar. Cadê esse dinheiro, que ninguém vai tocar esse serviço sem dinheiro. Dizem não, o chefe do posto disse não chegou ainda, porque nós es-

tamos esperando de Brasília, não chegou nada, ai tem o negócio de telefonar de vez em quanto, vou telefonar pro delegado para saber se já chegou. E só diz que está procurando esse dinheiro. Mas nunca chega. Depois eu vim para São Luiz e disse eu só volto se tiver dinheiro, se não tiver dinheiro não volto. Ai nós ficamos esperando. E as roças já brocadas, e nós esperando dinheiro pra derrubar e nada de derrubar. Quando ele chegou e sabe não chegou dinheiro ainda, mas arranjou um pouco e eu vou dar um pouquinho pra vocês e depois, é eu que vou buscar o dinheiro mesmo de voce. Ai me deu cinquenta, deu cinquenta pra outro, deu sessenta pra outro, deu vinte pra outro e foi uma enrascada danada. Agora nós ficamos até não sabendo se esse dinheiro é dado ou se é emprestado. E é (conta) que a gente tá precisando de uma pessoa pra nós mostrar mesmo a verdade. Porque nós não estamos confiando em mais ninguém de São Luiz. Pelo menos eu não confio. Eu como capitão dos Jovens eu não confio. A não ser num antropólogo. Eu digo porque eu conheço, eu já trabalhei fora da minha aldeia, eu já vi como se faz com indio, eu conheço. E prá acompanhar eu acho que deve ter um antropólogo mesmo. Ou ter antropólogo ou não vai sair nada. E o dinheiro acaba o serviço não é feito. Sem o antropólogo o serviço não é feito. Então na minha chegada nós vamos fazer uma reunião, vamos fazer uma reunião e vamos ver o que é que foi feito, se já foi feito isso e se ainda não foi terminado vamos terminar. Agora vamos saber do resto do dinheiro. Porque se sobrar eu acho que nós vamos botar no banco, prá nós mesmo mexer, porque nós mesmo mexendo, nós mesmo gastando. Ah! que o indio não sabe mexer com dinheiro. O indio sabe mexer com dinheiro, e se não sabe aprende. Ninguém nasceu ninguém nasceu sabendo. E se ninguém não souber chama os amigos que sabe. Tem muito amigo de confiança. Eu mesmo conheço gente, eu tenho muito amigo, gente honesta, gente que trabalha com indio, não é por causa de precisão.

O indio merece ser ajudado. Então conheço gente que não engana. Muita gente diz, a FUNAI mesmo diz, não porque o indio não sabe mexer com dinheiro, be, muito pessoal da FUNAI trabalha honesto, mas muitos diz que o indio não sabe, o indio não sabe (desviar) o dinheiro como muitas pessoas diz mesmo. Porque o que é jeito pra nós, o que é mandado para nós. Nós fazemos reunião, e nós gastamos e nós compramos, nos tiramos ele prá comprar alguma necessidade que nós temos, mas quando você for tirar esse dinheiro, nós queremos assim, nós queremos o dinheiro no nosso nome, no banco. O que foi feito esse ano faz, e o que não foi feito, vamos ter garantido e colocar no banco e vamos procurar uma pessoa pra

ensinar se nós não soubermos, essa pessoa vai ensinar nós, a mexer com esse dinheiro. Uma pessoa de confiança, como nós conhecemos mesmo. Antropólogo de FUNAI cedo se abate, eu não conheço uma, assim que eu confio, mas eu conheço alguém, uma pessoa que eu confio, que já trabalhou com índio e seu serviço é bem feito, e eu conheço um bocado. Mas tem gente aí que se der de FUNAI ele vai, chega lá não diz quanto a gente tem, diz que deve ser feito isso e aquilo, isso e aquilo, as vezes a gente não quer, por exemplo, no caso, no caso das casas, né, no caso das casas. Eu pra mim acho mais que dado o dinheiro pra fazer as casas, com tábuas nossas. O problema que é o dinheiro arranjado pela FUNAI dá, e no caso não, porque não diz vocês tem esse dinheiro, a Vale do Rio Doce deu pra vocês, então vamos abrir uma conta aí no nome de vocês, aí depois vocês pensam no que vocês querem. Porque aí o faz uma coisa que o índio não está preparado para receber, não é? Por exemplo, você vai fazer um (guarda roupa) pro índio, o índio nunca viu um (guarda roupa) nunca morou. Precisa ver a necessidade do índio, no caso assim, a necessidade do índio assim, dizer ganhou fazenda vai lá que tudo bem. Mas dizer que dá a fazenda e fica mexendo pra aqui e pra acolá e comprando gado de raça e aí nós sempre sem dinheiro, as vezes nem termina o serviço e o dinheiro acaba. E o índio fica na miséria.

E quando vai, se for assim vai continuar. Eu tive pensando comigo mesmo. Bem, se tem um dinheiro pra fazer 48 casas, assim como o chefe do posto falou, que ia dar as 48 casas, e levou as papeladas lá para o pátio, na reunião mostrou as papeladas, agora eu não li, ele mostrou mas eu não li. Ele era para chegar no pátio assim, olha nós temos tanto para isso, e temos tanto pra isso, ele chegou e disse, olha povo, nós temos isso e aquilo e tal e vai ser feito isso, é bom pra vocês e tal. Só isso e eu não estou sabendo, e nós queremos saber, eu quero saber. Eu quero saber como é que ocorre isso, se nós temos esse dinheiro e como é que nós estamos sofrendo? Eu acho duro. É duro, o índio no Maranhão, o índio no P.I. Governador com o Projeto Carajás como tão chamando, e Funai diz que tá trabalhando lá pro Projeto Carajás, pra ajudar, mas o índio tá passando necessidade e com o dinheiro, quem é que está com esse dinheiro? Aonde que está este dinheiro? E se já foi liberado algum pra Funai, e aonde eles estão aplicando? Não estão aplicando, compraram umas caixinhas

d'água, fizeram um , estão construindo uma garagem, até ai eu sei que é o dinheiro, até ai eu sei que é o dinheiro, mas agora pra dizer que vai gastar todo esse dinheiro na casa, não gasta tantos milhões, não? As casas lá, sai barata. A casa lá sai barata, porque os materiais são comprados ali perto, ali perto. Então ficou agora assim, eles gastam e compram isso e aquilo e não sei o que mais, mas o índio está na necessidade, o certo mesmo é ter alguém lá na aldeia com nós. Eu acho certo isso, e a minha vinda a São Paulo foi pra ver mais isto, pra saber como é que está ocorrendo com o Projeto Carajás, de onde surgiu o Projeto Carajás, da onde veio a verba pra nós, eu acho que não é nada demais a gente saber, o que a gente tem, o que a gente ganhou, eu acho que isto é bom, eu saber a gente saber, a comunidade que nós ganhamos tanto e tanto no Projeto Carajás, pra fazer um serviço pra nós, que nossa área é pobre e que nós mereemos esse dinheiro. Ai tem que dizer quanto nós ganhamos, nós queremos usar o dinheiro, mas não assim, os outros usam e nós não estamos sabendo. De repente o cara gasta tudo e vai embora e o que pode fazer com esse homem, se ele já gastou tudo? Então é bom a gente saber é bom a gente saber, quanto a gente tem e quanto ele vai tirar pra gastar, no outro caso nós mesmo podemos gastar. Mas assim, para ele tirar do jeito que ele quer e receber do jeito que ele quer, então o dinheiro não é nosso. Então nós não somos o dono, então é ele, porque, ele compra, ele gasta e tira e faz do jeito que ele quer e chega na aldeia e diz que não tem dinheiro. O Projeto Carajás diz que foi em 82. E só agora nesse ano que o Projeto Carajás está soltando dinheiro, pra dizer que eu nunca vi dinheiro do Projeto Carajás na nossa aldeia, prá te dizer do Projeto Carajás eu já vi, cinquenta mil cruzeiros na minha mão, e quando eu fui lá pedir mais depois ele deu cinquenta, depois de eu chorar muito pra ele. Ele diz que não tem dinheiro, não tem dinheiro, e eu chorando, não tem dinheiro nenhum (fêz as caixas d'água, essas cosinhas ai) as caixas d'água eu não estou lembrado bem, ai é que é o problema, que a gente está em dúvida, ele não explica, ele não tem.

Nós queremos uma pessoa que explica, primeiro nós queremos uma pessoa que explica, diz olha, nós fazemos isso, por exemplo, nós queremos uma pessoa que diz assim: Zé, lá na nossa aldeia, vamos fazer esta parede aqui. Essa parede vai gastar tanto, ai está o dinheiro. Eu vou tirar e vamos gastar. Ai nós queremos assim, mas não na mão dele, para ele fazer o que eles querem, enós passando necessidade lá. Índio está passando necessidade no P.I. Governador, menino, não é só não, não tem dinheiro mesmo. Imagine prometeram um dinheiro para empréstimo. O que é essa conta de empréstimo. Diz que foi o Projeto Carajás que vai

emprestar o dinheiro pra nós, prá botar roça. Tem condição? Se o Projeto Carajás deu o dinheiro pra nós, ainda vai emprestar, a Funai vai emprestar o dinheiro para nós. Não tem condição isso. Se o Projeto Carajás DEU o dinheiro para FUNAI nos entregar, a FUNAI pega o dinheiro e empresta. Não tem condição. Então da Funai nos empresta, quer dizer que o índio não pode fazer empréstimo no Banco do Brasil, então pode fazer empréstimo na FUNAI. Então a FUNAI é que é o Banco do Índio. Eu ainda não vi isso não, aí o que está acontecendo na minha aldeia, está acontecendo, e se não aparecer um antropólogo lá, pra nos mostrar a verdade, olha, pelo que eu estou vendo, quando terminar o Projeto Carajás, nós vamos sofrer e é muito, Vamos sofrer muito.

Gastar o dinheiro mesmo e resolver mesmo () meu nome é José Martins, eu moro na aldeia pra quem quiser ir lá conversar comigo, as portas estão abertas, prá saber porque eu só falo a verdade (), pra qualquer que tiver lá eu falo a verdade () porque é assim mesmo. Ninguém sabe melhor do que eu, que eu sou índio e vivo lá e sou capitão e sei das necessidades. Ninguém sabe, nem o Sr. Delebado sabe, se o geledado está no gabinete dele, tomando seu cafezinho frio, agora o índio está lá no mato, passando necessidade, mas agora não tá com o dinheiro do Projeto Carajás que foi dado pra ajudar nós, e nos sofrendo. Então eu vim para São Paulo para saber mesmo, eu quero saber porque eu chego lá na aldeia, vou fazer reunião, vou mostrar pros tiutiu, como é que é o Projeto Carajás, como é que nos saímos em relação o Projeto Carajás e com a FUNAI. É isso que eu quero saber. Se o dinheiro é para FUNAI ficar, ou se é para nós. Eu não sei, porque dizem que é para nós, mas até agora é só a Funai que está com o dinheiro. E só que está mesmo. Não tem índio com dinheiro não, quem tá com dinheiro é a FUNAI. Então o dinheiro não é nosso, é da FUNAI. E nós passando necessidade, então porque não dá esse dinheiro para nós. Se o chefe de posto não sabe mexer com o dinheiro, não sabe administrar o dinheiro, então porque não manda um antropólogo fazer esse serviço lá para nós. Nós merecemos fazer esse serviço para nós. Nós merecemos porque nós, índio Gavião, somos índios que damos pouca despesa para FUNAI. Nos merecemos ser ajudado. Merecemos mesmo. Então eu vim para São Paulo só por causa disso e eu queria saber, espero que alguém amigo vai enviar, eu estou lá no Governador quem quiser ir, vai, pra ver de perto, porque vendo de perto, vai ver como o índio sofre mesmo. Hãmre.

- 11 -

— Bem, o negócio é o seguinte: eu como Capitão daquela aldeia concordo assim, se a FUNAI autorizar o Antropólogo a fazer o serviço para nós. Nós estamos precisando do Antropólogo. Agora se eles estão interessados deles mesmos mexer com o dinheiro, deles mesmo gastar, deles mesmo fazerem o que quizerem, nós não queremos saber. Nós queremos saber se a Vale do Rio Doce manda o dinheiro, enviar pro Índio direto. Nós não queremos saber se a FUNAI dirige ou se quer dar ou se não quer, nós queremos saber que o dinheiro da Vale do Rio Doce nos deu e é nosso. Então mande o dinheiro para nós, mande o Antropólogo para administrar lá dentro junto com o chefe do posto. Porque o Chefe do Posto está lá para trabalhar. Na verdade vai ajudar o antropólogo a fazer este serviço porque realmente ele ganha do governo para fazer esse serviço. É, o Índio não quer saber se a FUNAI vai gostar ou não vai gostar, bem, nós queremos o dinheiro porque nós estamos com necessidade. É o que eu tô querendo é isso, se quiser fazer o serviço bem feito faça, se não quiser, pois que a Vale do Rio Doce vai lá na aldeia junto com o Antropólogo que vai ficar lá com nós, e nós queremos o dinheiro o que que adiante dizer que os Índios Gavião do P.I. Governador ganharam tantos milhões para fazer isso e aquilo e não está sendo feito. Porque de 82 prá cá o que é que foi feito. Quer dizer que contador assina.

2 caixas d'água, 50 metros de cano. Quer dizer que aí foi o dinheiro todo. Vá lá que seja a cantina tudo bem, mas dizer que a garagem vai trazer benefício para o Índio? Índio vai comer garagem? Garagem vai render pro Índio? Garagem vai dar roupa pro Índio? Garagem serve para botar os carros da FUNAI que Índio não tem carro mesmo. Não tem. Índio não tem carro. Tem carro lá chapa branca, é do Índio? Se fosse do Índio tinha chapa amarela. Não é mesmo do Índio. A FUNAI que deve se virar pra fazer sua garagem pra botar seu carro. Tá certo. O carro faz um serviço pra nós. Mas o Índio não tem direito de fretar o carro, nós não temos direito de fazer nada com o carro. Quer dizer que tudo bem, carro é bom. Agora só que nós não temos direito de fretar. Uma coisa que eu acho, é duro (eu não sei anunciar) as cabeças das pessoas que pensam. Olha, o carro, nós estamos fazendo coleta de dinheiro pra botar óleo no carro, e com o Projeto Carajá e o dinheiro que nós temos. E que nós não sabemos se temos.

Agora que eles vão saber que eu vou dizer, olha nós temos tanto, e que nós podemos arranjar com o Projeto Carajás um dinheiro prá nós viajarmos, para tratar dos nossos negócios lá fora, nós temos dinheiro para comprar o nosso óleo, da bomba d'água. Agora eu sei que nós temos esse dinheiro. Mas do jeito que vinha correndo, sem saber de nada. AH. não tá certo não, mas não está certo mesmo. E é por isso que eu digo, se a FUNAI aceitar o antropólogo nós queremos o antropólogo, de qualquer maneira, nós queremos, nós queremos o antropólogo de qualquer maneira, prá ver o serviço. Porque se disser olha vem um cara e tal da FUNAI para fazer, para administrar. Mas o que que adianta? Ele vai e não mostra. Não mostra. Ele não mostra.

(Mas que ano que foi que vocês souberam que teve dinheiro do Carajás?)

— Ora, eu soube este ano.

(Só que depois chegou lá dizendo que a FUNAI ia dar)

— a FUNAI ia dar estas casas, mas o dinheiro quem ia dar pra fazer estas casas foi o Proj. Carajás.

(Ele contou isso)

— Pra fazer as casas agora se ele tivesse dito. Nós aceitamos porque a FUNAI vai dar as casas pra nós, sabe que eu tive pensando, no dia que ele disse: — Olha, vocês vão ganhar um presente da FUNAI, 48 casas, 45 casas. . . aí nós queríamos mais casa. Aí eu fiquei até pensando, mas a FUNAI arranhou onde este dinheiro pra fazer estas casas? Porque se fizer as casas aqui tem que fazer casa para todos os índios. Agora se ele tivesse explicado — vocês tem tanto que a Vale do Rio Doce deu em dinheiro pra vocês. Fazer isso - ah. nós não tínhamos pensado em casa não, menino, nós tínhamos pensando era nas nossas necessidades. O que que nós vamos fazer com este dinheiro e o que nós precisamos. Mas não elaborada, tudo já feito nas papelas e só chegar lá e dizer oh. nós vamos dar as casas para vocês, vamos dar 1 fazenda, vai dar 1 açude. Aí, nós picha a Funai tá dando tudo mesmo prá nós, agora a Funai enxergou.

(apareceu alguma coisa até agora).

— Não apareceu. Não apareceu. Engraçado porque não aparecem. Nós temos a Vale do Rio Doce enviou o dinheiro prá nós, prometeu que ia dar tanto pra nos ajudar, que é nosso e não da FUNAI. E porque a Funai prende, eu não sei se está prendendo ou não liberaram. E mesmo se liberaram eles vão só comprar material bonito pra eles. E nós ficamos do mesmo jeito porque nós estamos sofrendo.

(Mas do dinheiro dos Carajás, o que foi gasto?)

— O que foi gasto . Diz que ia fazer 1 cantina.

(E foi feito?)

— Foi feito uma cantina. E fez um banheiro também, pra mulher outro pra homem. Mas é só uma casa, só separado, um lugarzinho pra homens, um lugarzinho para mulheres. Depois, o que mais eles estão fazendo? Eu saí de lá começaram a fazer uma garagem grande. Mas o que precisa mesmo pro índio, que tal a criação de peixe. Disso aí nós concordamos, porque lá a região é pobre, caça está difícil, e o que índio precisa mesmo não está sendo feito. Não tá. E o que o índio não come é o que está sendo feito. O índio vai comer garagem? Caixa d'água? Não come. A caixa d'água vá lá que seja ainda quebra um galho, é bom. Mas imagina, invés de começar o que o índio realmente precisa. Começaram 1 garagem. E o que eu sei mais que vão fazer do Proj. Carajás este ano é um desmatamento, mas não tá sendo feito. Eles vão fazer na roça, não está sendo feito nada, não está sendo feito nada porque não tem um antropólogo lá junto com a gente. E nem vai ser feito. Eles vão enrolar, vão comer o dinheiro, mas não vai ser feito. Quem tá falando isso é eu que conheço, que vivo lá dentro, eu que sei que o sapato está me apertando no pé lá dentro. Não é um branco que está falando, quem está falando é um índio. É, e é um líder da comunidade. A Comunidade me pressiona, a comunidade quer saber, a comunidade, os capitães querem saber quanto nós temos de dinheiro que o Projeto vai dar pra nós. E o que é gasto e o que é que vão fazer. E quanto já gastaram e nós não sabemos e não tem quem mostre para nós. E nem vão mostrar não. E eu estou lá no Governador prá quem quiser, quem ouvir esta fita e quem quiser ir lá no Governador prá ouvir de perto, lá junto, eu faço uma reunião e todo mundo só fala com uma boa só, porque nós estamos sofrendo. Não tem dinheiro de Carajás lá de jeito nenhum. Não tem quatrocentos mil para uma aldeia de duzentos e poucos índios. Duzentos e noventa e poucos.

(— e o que fizeram, foi o dinheiro do empréstimo esse)

— Diz que é emprestado. Dez mil emprestado pra um, quinze mil emprestado pra outro, vinte mil emprestado para outro. Depois arranjaram outro. Esse que deram primeiro foi emprestado. Diz que o Delegado tomou um dinheiro emprestado pra mandar pros índios que ainda não tinham nada de projeto Carajá em dinheiro por índio pra fazer as roças. No entanto as papelas já tinham sido tudo feito, porque todo índio assinou, todo índio ia botar tantas linhas de roça, fizeram isto com tempo e as roças tem que ser feitas com o tempo. A roça tem que ter tempo pra roçar, tem que ter tempo pra derrubar, tem que ter tempo pra capinar, tem que ter tempo pra queimar e plantar. Mas não tá saindo nada disso, não tem dinheiro pra fazer nada disso. Eu tô com uma roça lá. Tá queimada. Eu tô esperando dinheiro. Do jeito que falaram que vão emprestar o dinheiro, pois que empreste então. Eu quero é fazer meu serviço. Se não é dado, então empresta, como falaram que é emprestado. Eu até fiquei assim. Um dia nós tava pensando lá na reunião da aldeia. : — Bem minha gente — eu fiquei até confuso, diz que o Projeto Carajás deu um dinheiro prá nós e no entanto o chefe do posto fala que é emprestado. Aí fica rium de nós entender. Se o dinheiro é nosso ou se o dinheiro é da Funai, ou se nós temos que trabalhar pra dar renda pra FUNAI. Será? Porque o que eu conheço mesmo a FUNAI deve ajudar e bão desajudar. O que eu conheço mesmo é assim. Nós precisa. Nós estamos lá no mato. Nós precisa de alguém que nos ajude. Mas assim uma verba é dado pra nós receber e ainda nós vamos pagar. Então o dinheiro não foi dado pra nós. O dinheiro foi dado pra FUNAI, não foi dado para o índio. Então já que nós temos esse dinheiro, nós precisamos de um antropólogo lá. Nós precisamos mesmo, porque não está dando nada certo, não tá saindo nada mesmo. Eu sai de lá de lá não tá fazendo 15 dias, até que eu sai junto com a fome, não tinha nada, e a choradeira lá do homem é que do Projeto Carajá não tinha dinheiro. E as roças tem que ser feita. E tá lá. Então eu vim aqui em S. Paulo pra saber disso. E agora eu vou voltar pra minha aldeia e ver como é que esta os lá, porque não tá dando não, não tem dinheiro mesmo. E nós estamos precisando de dinheiro. O índio tá com a necessidade e precisa ir alguém lá pra olhar de perto. Hamré.

...ooo0ooo...